

NC-15 3.50



PARA ADULTO

BIMESTR

ANO III - N.º

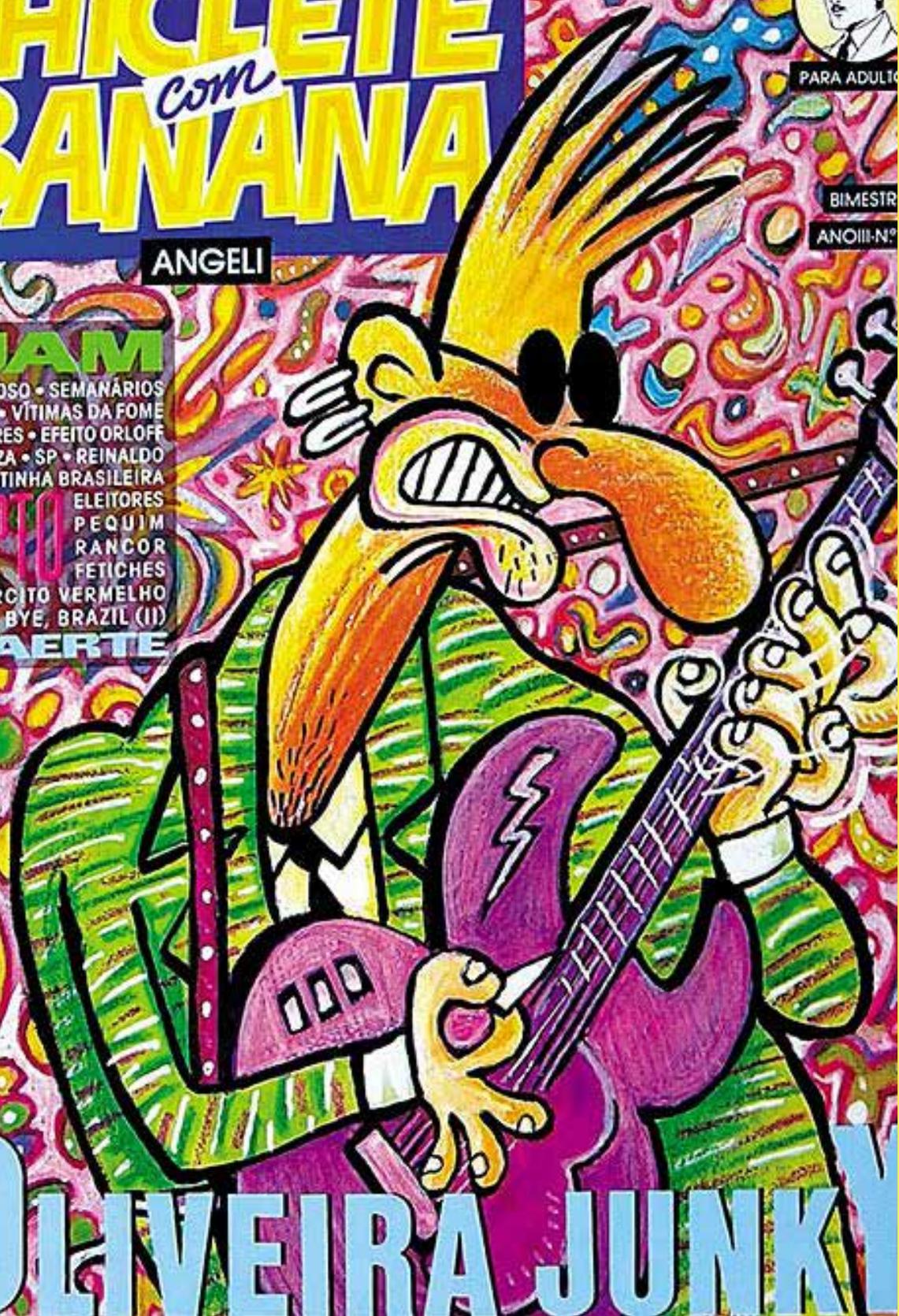
CHICLETE BANANA

com

ANGELI

LUIZ GUSTAVO • WOOD & STOCK • MARCATTI • RHALAHRIKOTA

JAM
 MATTOSO • SEMANÁRIOS
 PIVA • VÍTIMAS DA FOME
 ZIMBRES • EFEITO ORLOFF
 MARIZA • SP • REINALDO
 DIREITINHA BRASILEIRA
 ELEITORES
XPTO PEQUIM
 RANCOR
 FETICHES
 EXÉRCITO VERMELHO
 BYE, BYE, BRAZIL (II)
LAERTE



OLIVEIRA JUNKY

A revista Chiclete com Banana e as citações diretas de canções das bandas de rock dos anos 1980



Rodrigo Otávio dos Santos
Doutor em História
Programa de Pós-Graduação em Educação e
Novas Tecnologias (PPGENT) UNINTER-PR

Resumo: Busca analisar e discutir as citações das canções das bandas de rock brasileiras feitas por Arnaldo Angeli Filho a partir da sua revista *Chiclete com Banana*. Para tanto, observamos não apenas as canções e as suas respectivas citações nas revistas, mas também uma análise da conjuntura social, política e cultural do Brasil no período de transição da ditadura militar para a chamada Nova República na metade da década de 1980.

Palavras-chave: História em Quadrinhos, História, Indústria Cultural.

Abstract: Analyzes and discusses some citations to the rock bands' songs into the Arnaldo Angeli Filho's comic book *Chiclete com Banana*. In order to do it, we observe not only the songs and the citations themselves, but we also analyze the social, political and cultural panorama. We analyze Brazil's transition from the military dictatorship into a democratic republic in the middle of the 1980 decade.

Keywords: Comics, History, Cultural Industry.

Os anos 1980 foram muito pródigos para a cultura de massa jovem no Brasil, e este público subitamente teve ao seu alcance inúmeros produtos oriundos da indústria cultural brasileira. Dois desses produtos foram o rock nacional e a revista *Chiclete com Banana*, capitaneada por Arnaldo Angeli Filho. Neste artigo, pretende-se discutir a presença de citações diretas das bandas e suas canções de muito sucesso no Brasil pós-ditadura, uma vez que ao longo dos vinte e quatro números

da revista *Chiclete com Banana*, Angeli citou diretamente diversas bandas de rock brasileiras. Em alguns momentos ele o fazia por meio dos textos nos balões, em outros por meio do que estava desenhado e ainda havia citações diretas em textos espalhados pela revista. O trabalho a seguir busca entender estas citações a partir da análise de texto, imagens e contexto político / cultural do período destacado. Trabalharemos com teoria das histórias em quadrinhos, história das histórias em

quadrinhos, história contemporânea do Brasil e também conceitos de indústria cultural e mais especificamente a cultura juvenil brasileira. Para esta análise, nos valem de todas as vinte e quatro edições da revista *Chiclete com Banana* e também da discografia dos artistas populares mais influentes naquele período, todos autoproclamados roqueiros.

A revista *Chiclete com Banana*, como já dissemos, teve 24 edições ditas bimestrais, entre dezembro de 1985 e dezembro de 1990, ainda que a periodicidade não tenha se mantido estável durante os cinco anos da mais longa publicação da Circo Editorial. Principalmente no período de grandes traumas econômicos, como lembra o próprio Angeli (*apud* Garcia, Paiva, 2011), a revista não conseguiu seguir a periodicidade esperada. Seu tamanho era o pouco maior que o magazine, medindo 20,5 x 27 cm. Até a edição número 21 a revista era composta por 52 páginas de papel jornal, sendo apenas capa e contracapa feitas em papel *offset*. Os últimos três números da revista continham 60 páginas. O papel jornal era, naquele período, o mais barato do mercado, e também o pior. Isso, de acordo com Lima (2013) tinha dupla função: primeiramente diminuir os custos de produção da revista, mas ajudava também na caracterização dela enquanto peça do ideário underground, fazendo-a mais acessível e parecida com um fanzine.

Podemos afirmar que a revista *Chiclete com Banana* foi uma das principais publicações brasileiras, não só do período estudado, mas também do restante da história do humor e dos quadrinhos brasileiros, já que, como aponta Santos (2014 p.427),

essa concepção de humor, nascida em São Paulo, não se restringiu à cidade ou à década de 1980. Quadrinistas das gerações seguintes e de outras partes do país foram fortemente influenciados pelas

publicações da Circo Editorial no desenvolvimento de seus cartuns, charges e histórias em quadrinhos. Publicitários, humoristas de rádio, da televisão e do cinema também beberam nessas fontes e passaram a inovar o humorismo, tornando-o mais crítico e menos condescendente.

A *Chiclete com Banana*, mais do que ser apenas uma revista *underground*, acabou por virar um marco da indústria cultural brasileira, tanto que boa parte dos quadrinistas e chargistas pós-década de 1980 sempre apontam a revista de Angeli como principal influência em suas carreiras. E, como tal, reflete e refrata a sociedade vigente que, naquele momento, estava efervescendo também com outra manifestação cultural muito popular, o chamado rock nacional.

Grande parcela da comunidade jovem e urbana ouvia tais canções ao mesmo tempo que lia as histórias de Angeli na revista aqui estudada. Havia, então, grande semelhança temática entre as canções de rock e estas histórias em quadrinhos. Política, sexo e comportamento urbano estavam presentes em ambas as manifestações culturais e aproximavam leitores de ouvintes, que viam mais semelhanças que diferenças na comparação entre as mídias.

Mesmo assim, Angeli não hesitava em criticar este tipo de música produzida no Brasil, mostrando como os roqueiros – tanto músicos quanto ouvintes – podem ter comportamentos infantis e ingênuos. Também evidencia que em diversos momentos o rock pode ser visto como mero pastiche construído por gravadoras, empresários e produtores. Ainda que em alguns momentos Angeli elogie – dada a similaridade com sua opinião – as canções de rock, na maioria das vezes ressalta o aspecto negativo do rock nacional, sempre contando com uma crítica mordaz em relação aos músicos, aos ouvintes, e à

indústria do rock brasileira.

Para este trabalho, escolhemos bandas e artistas de rock nacional a partir das citações de Angeli durante os vinte e quatro números da revista. Para o termo rock, tentamos utilizar a definição de Vinil (2008), que coloca o ritmo como música composta de três ou quatro acordes, uma batida forte e compassada com vocais pouco líricos. Esta definição, entretanto, não abarca a miríade de sub-ritmos tão diferentes quanto a new romantic e o heavy metal. Assim, o rock pode ser entendido, neste trabalho, mais como atitude, próximo ao trabalho de Ribeiro (2009).

Mas além das considerações acerca das bandas de rock, nosso trabalho, como já dito, pretende analisar como Angeli e sua verve crítica olhavam para estas bandas e canções. Isto posto, podemos dizer que a canção mais citada diretamente pelo artista em seu trabalho é *Inútil*, do Ultraje a Rigor. Esta banda paulista, cujo primeiro disco foi lançado em 1985 e durante a década de 1980 foi uma das principais bandas do Brasil, ganhou inúmeros prêmios e foi uma das bandas brasileiras de maior vendagem até os dias atuais. Angeli coloca diversas personagens entoando a canção composta por Roger Moreira, como podemos ver na imagem abaixo, retirada da edição número 1.



Figura 1 - Virando Bob Cuspe. Fonte: Angeli. Chiclete com Banana nº 1. São Paulo: Circo, 1985. p.10

Aqui percebemos a associação do modo de vida punk com a canção do Ultraje a Rigor. O que parece motivar a personagem não é a roupa da música, seus timbres ou acordes, mas sim a letra, que carrega o desespero e a ironia face à inevitável estupidez que parecia acometer a sociedade brasileira naquele momento. O desabafo de Roger Moreira encaixava perfeitamente no desabafo da personagem de Angeli. A crítica à sociedade como um todo – não apenas à políticos ou militares, como era de se esperar no período pós-abertura política – faz com que Bob Cuspe se identifique com a letra. A forma como Angeli utilizou os versos da canção também chama atenção, já que no primeiro quadrinho a dificuldade da personagem – escolher presidente – é mais externa do que no

segundo quadrinho – escovar os dentes – que é algo de foro íntimo. Assim, parece que, em conjunto com a letra da canção, a personagem vai percebendo seus erros e se descobrindo cada vez mais incapaz, até chegar na conclusão de que ele – e o restante da sociedade – é inútil. A forma como o desenhista se utiliza dos símbolos punks para compor sua personagem vai evidenciando – quadrinho após quadrinho – a transformação da personagem. Esta transformação, inclusive, está condicionada não a canção ou aos recordatórios no alto de cada vinheta, mas sim aos desenhos de Angeli, e sua aproximação consistente ao universo visual estereotipado do punk oitentista.

À mesma constatação de inutilidade chega um espermatozoide na charge de Angeli que vemos a seguir.



Figura 2 - Espermatozoides. Fonte: Angeli. Chiclete com Banana nº 1. São Paulo: Circo, 1985. p.31

Na figura, percebemos que o antropomorfizado líquido seminal faz diversas alusões à desesperança que vivia o Brasil naquele momento. Ao mesmo tempo em que a canção da banda Ultraje a Rigor pontua o pensamento de desilusão, os demais espermatozoides também o fazem, cada um mostrando uma faceta do desânimo que parecia permear a sociedade naquele momento. Assim, podemos dizer que todos os espermatozoides compartilham da visão do terceiro deles, de que são inúteis, e, portanto, a letra entoada pela personagem

age como catalisador das ideias de todos os demais, que também se sentem impotentes, supérfluos.

A piada se completa quando o leitor percebe o cartum como um todo e lembra seus conhecimentos sobre biologia, ou seja, aqueles espermatozoides, que já se acham inúteis, estão a caminho de se encontrarem com um óvulo para forjar uma nova vida. Uma vida tão inútil e desesperançosa quanto os sêmens que a produziam.

Outra citação direta da canção *Inútil* está presente na página abaixo, no número 2 da publicação.



Figura 3 - A mijada de Reagan. Fonte: Angeli. Chiclete com Banana nº 2. São Paulo: Circo, 1986. p.12

Nesta história vemos o presidente dos Estados Unidos na década de 1980, Ronald Reagan, indo urinar em um banheiro cuja descarga é o botão para o lançamento das ogivas nucleares que destruiriam o planeta. Com o fantasma da Guerra Fria rondando o imaginário global, como informa Arbex (1997), a piada encontra-se justamente na banalidade do ato que leva à destruição mundial. E tal banalidade é expressa por Angeli quando o presidente estadunidense canta a canção de Roger Moreira antes de apertar a descarga/botão de juízo final, ao mesmo tempo em que vários de seus assessores imploram para que Reagan não vá ao banheiro. A própria caricatura de Reagan parece divertir o leitor, já que o desenhista coloca o presidente norte-americano com seis queixos, e um topete gigantesco. Além disso, chama a atenção o apertar de botão do mandatário, que parece mais uma campainha (um botão, enfim) do que uma descarga. E isso é percebido pelo leitor graças às linhas cinéticas que Angeli utilizou, que ao mesmo tempo lembram movimento e também raios elétricos, já que são pontiagudas e concentram no botão apertado.

A atitude displicente de Reagan no banheiro do juízo final revela duas situações: primeiramente, que o presidente também parecia sentir-se inútil, identificando-se com a canção e depois que naquele momento o ato de destruir o mundo é um ato displicente. É quase como se Angeli estivesse utilizando a canção do Ultraje a Rigor em conjunto com as canções Solução final, gravada em 1986 pelo Camisa de Vênus, que possui os versos *Há tantos mísseis na Europa não demora e vamos logo aproveitar / Será bem mais, será ultra moderno ver um romance nuclear / É tão banal a solução final*. Lembrando que o Camisa de Vênus, banda capitaneada pelo vocalista Marcelo Nova era originária de Salvador, na Bahia, era uma banda agressiva, principalmente no que tange às vestimentas e as letras, sempre denunciadas, debochadas e cínicas. E mesmo com pouca visibilidade em rádio, dado o conteúdo das letras, teve grande vendagem no país.

Outra questão que diverte Angeli e seus leitores é a postura egoísta de Walter Ego. Em uma das suas tiras a personagem canta a música também do Ultraje a Rigor *Eu me amo*, que se encaixa perfeitamente com a personalidade da personagem criada por Angeli.



Figura 4 - Eu me amo. Fonte: Angeli. Chiclete com Banana nº 2. São Paulo: Circo, 1986. p.21

Mesmo alterando um pouco a letra da canção de 1985, que na voz de Roger Moreira é *Eu me amo / eu me amo / Não posso mais viver sem mim*, o leitor logo faz a identificação com a música, mesmo porque esta foi uma canção bem executada nas rádios quando do seu lançamento graças ao compacto dividido com a canção *Rebelde sem causa*. E Ego, sendo personagem que

só consegue enxergar a si mesmo, tem tanta identificação com a letra da canção que a entoa no banheiro, para o espelho – também reflexo da sua personalidade – que canta em dueto com ele.

A personalidade “egoísta” de Walter Ego é uma caricatura do jovem que ignora as demais pessoas e pensa somente em si mesmo, tanto que boa parte de suas

histórias são contadas com a ajuda de um espelho, que reflete sua personalidade e é tão egoíco quanto sua contraparte de carne e osso. Angeli também faz uso de um banquinho para que o leitor perceba que o personagem, apesar de achar-se superior a tudo e a todos, na verdade é um baixinho que precisa de autoafirmação. Devemos novamente recorrer ao desenho para percebermos que o personagem é menor

do que a pia de um banheiro, ou seja, tem o tamanho de uma criança, o que contrasta com o seu ego gigantesco.

Misturando o *nonsense* da tira de Walter Ego com o medo da bomba atômica e a consequente exterminação mundial, temos a página a seguir, onde Bob Cuspe surge, já no primeiro quadrinho, entoando a canção de 1984 *Eu não matei Joana D'Arc*, da banda Camisa de Vênus.



Figura 5 - Bob Cuspe não matou Joana D'Arc. Fonte: Angeli. Chiclete com Banana nº 2. São Paulo: Circo, 1986. p.30

Bob Cuspe é punk, assim como a banda Camisa de Vênus, então a associação de ideias entre banda e personagem é quase imediata para o leitor que estava acompanhado aquele movimento e suas manifestações. A música utilizada foi o maior sucesso comercial da banda de Marcelo Nova, e sua letra recria a vida da heroína francesa como se a personagem criada pela música tivesse matado D'Arc e estivesse se eximindo do ato. O refrão da canção diz *Ontem eu nem a vi, sei que eu não tenho alibi / Mas eu, eu não matei Joana D'Arc*, em alusão à morte da santa ou heroína

nacional francesa. Antes disso, porém, a canção coloca a personagem histórica dialogando com a personagem fictícia da letra musical, mostrando um lado inusitado e supostamente ignorado pela historiografia com frases como *Ela me falou dos seus dias de glória / E do que não está escrito lá nos livros de história / Que ficava excitada quando pegava na lança / E do beijo que deu na rainha da França*. Depois, em um nonsense ato de anacronismo, a canção sugere que Joana D'Arc estaria sendo iludida por grupos internacionais imediatamente conectados com a Guerra Fria, com as centrais de

inteligências das duas superpotências interessados na sua pessoa. Assim, Nova canta *Uma rede internacional iludiu aquela menina / Prometendo a todo custo transformá-la em heroína / Agora eu tou entregue à CIA e à KGB / Eles querem que eu confesse / Mas eu nem sei o que.*

Interessante perceber como em ambas as manifestações artísticas temos a Guerra Fria como pano de fundo muito explícito. No caso da canção, o medo é oriundo dos dois maiores serviços secretos do mundo, a CIA e a KGB. No caso da história de Angeli, o medo é do confronto entre as potências nucleares e a suposta aniquilação humana. Em ambas as produções também percebemos o nonsense declarado. Tanto na cusparada da personagem de Angeli, que muda o mundo, quanto na ideia do anacronismo na canção do Camisa de Vênus, que coloca Joana D'Arc como contemporânea da CIA e da KGB.

Outra questão que pode ser levantada é o caráter messiânico de Cuspe, já que o título da história é *Bob Cuspe é a Salvação* e no final da história é tido como a salvação daquela população. O mesmo pode ser atribuído à personagem Joana D'Arc criada pela banda baiana, que se vale do mito francês e do fato da personagem histórica ter status de santa na Igreja Católica. Tanto Cuspe quanto D'Arc deveriam levar seu povo à luz, à liberdade e à salvação, tornando a piada ainda mais engraçada e referencial.

Angeli então associa a imagem de Cuspe ao imaginário da canção punk. Mas não podemos esquecer também que, por mais que o Camisa de Vênus fosse uma banda punk, naquele momento estava muito longe do underground, vendendo milhares de discos, fazendo shows lotados e deixando claro que não apenas os punks os ouviam. Assim como a *Chiclete com Banana*, que deveria ser uma revista underground mas acabou vendendo muito e se consolidando como grande empresa na indústria cultural, a banda em que Marcelo Nova cantava também ultrapassou as barreiras do seu nicho, alcançando diversos

outros em poucos meses, gerando mais uma analogia entre ambas as produções, seus objetivos e seu desfecho como grandes forças do mundo criativo jovem.

Outra citação direta ao rock nacional e ao mesmo tempo indireta à sociedade e a uma parcela específica dela está na imagem abaixo, extraída da edição número 9 da revista.

CHICLETE COM BANANA NÃO MARCA TOUCA. ENQUANTO OS MEDIOCRES PLANTAM O AMENDOIM, NÓS JÁ ENCHEMOS O RABO DE PASSOQUINHA, DISCUTE-SE PORÁ! OS ANOS OITENTA, DIZEM 1990, EXPLICAM AQUILO... BOBAGENS, NADA ALÉM DE BOBAGENS. CHICLETE ESTÁ COM OS PÉS NO FUTURO E, POR ISSO TEM A MANHA DE, CATEGORICAMENTE, AFIRMAR QUE VEM TROLHA AI.



Figura 6 - Os anos 90 vão ser sodinha.
Fonte: Angeli. *Chiclete com Banana* nº 9. São Paulo: Circo, 1987. p.19

Antecipando-se em 3 anos do início da década, Angeli brinca de antecipar o futuro e ao mesmo tempo critica a chamada Geração Coca-Cola. Esta foi definida pela canção da Legião Urbana, principal banda do movimento rock Brasil, já que sua vendagem e perenidade não encontram paralelo no movimento. A banda foi formada em Brasília por filhos de professores e aliava a estética punk do faça-você-mesmo ao estilo new wave. Com uma sonoridade simples, mas com uma

letra contundente, o escritor dos versos, Renato Russo, faz uma crítica à geração anterior ao mesmo tempo em que assume postura agressiva contra ela. A letra da canção gravada em 1984 começa com as frases *Quando nascemos fomos programados / A receber o que vocês / Nos empurraram com os enlatados / Dos USA, de nove as seis / Desde pequenos nós comemos lixo / Comercial e industrial* criticando a globalização e a incidência de artigos norte-americanos dentro do solo brasileiro, mostrando uma tentativa de manipulação por parte da geração anterior. Em seguida, Russo se rebela e diz *Mas agora chegou nossa vez / Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês / Somos os filhos da revolução / Somos burgueses sem religião / Nós somos o futuro da nação / Geração Coca-Cola*, mostrando aquilo que a sua geração esperava ser e fazer, alguns de seus anseios e a vontade de se revoltar

contra o sistema.

A graça da imagem de Angeli é justamente a crítica à crítica, ou seja, o cartunista mostra que a geração Coca-Cola, tão pretensiosa na canção, acabou por virar um pastiche de si mesma, e que suas críticas foram facilmente absorvidas pelo capitalismo. Além disso, o riso forçado pelas mãos escancara o fato de o personagem necessitar da felicidade, tal qual a geração que canta a canção, criada a partir de comerciais da bebida doce. Não poderia haver pessoas tristes nos anos noventa. Da mesma forma como não há pessoas tristes em propagandas da Coca-Cola. Não haverá mudança no status quo social, tampouco na política ou nas intenções das pessoas, como mostra a página a seguir, que compõe a série de cartuns sobre a geração dos anos oitenta no futuro.



Figura 7 - Os anos 90 vão ser sozinha (2) Fonte: Angeli. Chiclete com Banana nº 9. São Paulo: Circo, 1987. p.22

Os babacas, como diz Angeli, continuarão a ser como sempre foram, com caras de idiotas e mostrando sua superioridade financeira, sua condescendência e esperteza política no congresso nacional e também a escalada social por meio do casamento. Tudo isso indica o egoísmo das personagens, que agem no sentido oposto da canção que prega a união dos jovens para a tomada do poder. A geração Coca-Cola é vista como uma fraude, um mero devaneio. As frases *Vamos fazer nosso dever de casa / E aí então, vocês vão ver / Suas crianças derrubando reis / Fazer comédia no cinema com as suas leis* que indicam a união dos jovens, é desmontada na página desenhada por Angeli.

A ironia do cartunista também está presente naquilo que tange à Guerra Fria e ao holocausto nuclear. Primeiramente com o pé falante, que “sobrevive” à uma guerra supostamente inexistente e depois com

os líderes russos e norte-americanos que se amam em uma relação homossexual, ignorando os problemas do planeta. Por último, há também a metalinguagem que coloca um homem sujo, leitor de revistas pornográficas, que diz ser a *Chiclete com Banana* uma revista suja.

Na edição número 23 da revista, temos uma citação direta ao músico Lulu Santos, que desde o início do chamado rock nacional era o mais velho, e logo tornou-se símbolo da parte mais popular deste movimento de rock. Santos não trabalhava junto, porém, e a grande citação de Angeli é ao letrista Nelson Motta, agitador cultural e jornalista carioca que compôs com Santos *Como uma onda*, canção que em 1983 virou *hit* radiofônico. Esta canção falava do universo adolescente, com referências à sexo, amor, esportes e drogas. O disco, de acordo com Dapieve (1995), vendeu mais de 90 mil cópias.



Figura 8 - Como uma onda no mar.

Fonte: Angeli. *Chiclete com Banana* nº 12. São Paulo: Circo, 1987. p.2

A charge, que aponta para a falta de opção no que tange à escolha das mulheres mais lindas do Brasil, faz graça ao utilizar Nelson Motta, que nos anos 1980 fez fama tanto como artista/letrista quanto como jornalista, mas também foi apontado diversas vezes como paquerador e como alavancador das carreiras de suas namoradas, o que o próprio Motta (2011) contesta, alegando que apenas namorava

pessoas talentosas.

De qualquer modo, a imprensa sensacionalista sempre atribuía a Motta o sucesso de suas namoradas, como Marília Pêra ou Marisa Monte. Angeli criticava essa situação de duas formas: primeiramente colocando Nelson Motta como amante de uma leitoa, depois ironizando a falta de mulheres possíveis para serem tidas como musas do verão no Rio de Janeiro.

A canção de Motta e Santos deixa a piada mais engraçada porque sua letra foi muito difundida naquele período, então presumia-se que o leitor ao se deparar com um trecho da letra da canção relembresse o restante, na verdade uma letra esperançosa que tinha frases como *Tudo passa, tudo sempre / passará / A vida vem em ondas / como um mar / Num indo e vindo / infinito* ou seja, não condizia com a postura de Angeli ou da *Chiclete com Banana*, utilizando a ironia como forma de fazer graça.

Mas esta crítica não se estende à todas as personagens ou à todas as bandas. Tampouco é utilizada apenas nos textos. Em alguns momentos as citações às bandas são feitas por meio dos desenhos. Como percebemos na imagem abaixo, Angeli presta uma certa homenagem à banda punk Inocentes, mostrando que Bob Cuspe gosta do conjunto, colocando-os no mesmo patamar que The Clash e Frank Zappa, também presentes no desenho.



Figura 9 - Inocentes. Fonte: Angeli. *Chiclete com Banana* nº 8. São Paulo: Circo, 1987. p.5

Haja vista que The Clash é tida como uma das maiores bandas punk do mundo (ao lado de Ramones e Sex Pistols) de acordo com *Vinil* (2008), e Frank Zappa ainda de acordo com o mesmo autor é um dos músicos mais influentes do século XX, podemos afirmar que o disco dos Inocentes colocado atrás do tocador de vinis confere à banda status de grande influência para os punks brasileiros. Inocentes está ao lado principalmente da outra banda punk que Angeli sempre cita em seus trabalhos, os Garotos Podres, que teve inclusive a letra de sua principal canção, *Vou fazer cocô* estampada completa na edição número 13 do periódico. Isso ainda confere autenticidade à personagem. Se Bob Cuspe é punk e se mora em São Paulo, é quase que obrigatório escutar as bandas acima mencionadas. E no próprio

desenho de Angeli percebemos uma necessidade de Bob Cuspe de se relacionar com a música. Diversos ícones musicais estão presentes no desenho: as notas musicais saindo de um alto-falante, o disco de vinil rodando, discos com ou sem capa espalhados pelo chão e, talvez mais importante, a posição de Cuspe com os ouvidos direcionados para a caixa de som.

Assim, a mesma personagem que destrata o rock nacional, como já vimos, aparentemente coloca os Inocentes em outra categoria, de forma que a referência da banda não é o rock brasileiro, mas sim o punk rock, independentemente de onde ele tenha sido feito.

Em outros momentos em que Angeli colocava sua crítica ao rock nos desenhos, deixa a piada mais engraçada graças à citação das bandas, como no caso

da imagem abaixo, na qual há uma crítica feroz à banda Kid Abelha e os Abóboras Selvagens. Esta banda era capitaneada pelo baixista Leoni (que logo se separou do grupo) e por Paula Toller, cantora cujo timbre de voz agudo lembrava as cantoras populares da época, como Madonna e, principalmente, Cyndi Lauper. Com isso, a banda era mais comumente associada ao pop radiofônico do que ao movimento de rock brasileiro.

Na história intitulada *Vida besta*, a trama gira em torno de um imbecil que “como todos os outros almejava uma promoção no banco, um carro novo, cartões de crédito... e outras imbecilidades” (ANGELI, 1986 p.16). Este imbecil então toma contato com um disco de uma “banda imbecilíssima” (ANGELI, 1986 p.16). Como vemos pela imagem abaixo, a banda citada é a Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, que o leitor reconhece graças ao nome na capa do disco desenhado por Angeli, “Abóboras”.

Neste caso, a crítica de Angeli não é discreta. Ele diz, com seu texto, que a banda é muito imbecil. E reforça isso com o desenho, indicando de qual conjunto estava falando. O restante da história diz pouco sobre o Kid Abelha, mas diz muito sobre o movimento do qual o conjunto fazia parte. Angeli critica o movimento new wave criando New Imbeciw, sua personagem que não tinha conteúdo nenhum mas conseguia ser um sucesso, como percebemos na imagem ao lado. Toda a indumentária da personagem faz lembrar as roupas utilizadas pelos músicos do Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, como o paletó rajado com ombreiras e gravata, bem como o topete no cabelo e até mesmo os óculos, que não eram utilizados exatamente por esta banda, mas eram comuns tanto em Herbert Vianna, dos Paralamas do Sucesso quanto em Kid Vinil, do Magazine, banda de sucesso menor, mas conhecida pelo *hit* Sou boy, lançado em 1983.

Mas a crítica é grande também acerca do que está em torno das bandas de



Figura 10 - Abóboras.
Fonte: Angeli. Chiclete com Banana nº 4. São Paulo: Circo, 1986. p.16



Figura 11 - New Imbeciw.
Fonte: Angeli. Chiclete com Banana nº 4. São Paulo: Circo, 1986. p.17

rock, como a imprensa e principalmente o público. Angeli deixa claro ao seu leitor que o sucesso do imbecil é feito pelos imbecis que acreditam que ele é um sucesso. Assim, o lado mais idiota de toda esta equação é o público. Afinal, “New Imbeciw é o ídolo dos idiotas, das bestas quadradas”. E o artista ainda coloca a personagem em uma postura extremamente arrogante com a última frase dita.

Ao final da história, o modismo passa, e New Imbeciw vê-se no ostracismo, mostrando a ideia de Angeli de que o rock nacional, o new wave e as bandas do estilo nada mais são do que modas passageiras manufaturadas pelos grandes grupos de comunicação e imprensa. Mostra também que o público é volúvel, deixando-se levar sempre pelos meios comunicacionais, e que possui pouca criticidade em relação àquilo que consomem musicalmente.

Enfim, podemos dizer que são muitas as citações de Angeli ao trabalho das bandas de rock nacional dos anos 1980 no Brasil. E é interessante destacar que os ouvintes das bandas muito provavelmente eram leitores da revista. E os leitores da revista quase que certamente eram ouvintes (ainda que involuntários) das bandas, já que a capilaridade das canções de rock brasileiro nas ondas das rádios do período foi algo pouco visto em toda a história do Brasil.

Nosso artigo buscou encontrar nas páginas da *Chiclete com Banana* as citações que Angeli fazia do cenário musical juvenil durante a década de 1980. Lembrando que em 1985, quando a revista começou a circular, este tipo de canção era a mais difundida entre os leitores jovens da revista da Circo Editorial, e seu principal artista soube captar muito bem o momento por ele vivido e, mais, soube criticá-lo como poucos antes ou depois. A fusão entre as letras das canções do rock nacional dos anos 1980 e a história em quadrinhos de Angeli acaba por se tornar uma grande fonte para entendermos o conturbado período da redemocratização do nosso país.

Referências

- ARBEX, Jr. José. A guerra fria. São Paulo: Moderna, 1997.
- DAPIEVE, Arthur. BRock: O rock brasileiro dos Anos 80. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- LIMA, Jefferson. Bob Cuspe: A representação de Angeli do punk paulistano na revista *Chiclete com Banana* (1985-1990). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas de Educação da UFSC. Florianópolis: 2013.
- MALDITOS CARTUNISTAS. Direção, Edição e Produção: GARCIA, Daniel & PAIVA, Daniel. Brasil: Daniéis Entretenimento, 2011.
- MOTTA, Nelson. Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart de; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. Novo estilo de humor nasce em São Paulo. In: MENDES, Toninho (org.). Humor Paulistano: a experiência da Circo editorial (1984-1995). São Paulo: SESI, 2014.
- VINIL, Kid. Almanaque do Rock. São Paulo: Ediouro, 2008.